

Fundação Getulio Vargas

**Tópico:** EPGE

**Veículo:** Correio Braziliense -  
DF

**Página:** Capa/16

**Data:** 10/11/2016

**Editoria:** MUNDO

**Discurso conciliador  
aplaca pânico inicial  
que sacudiu mercado**

# Discurso acalma o mercado

Ao abandonar o tom agressivo da campanha eleitoral e se mostrar mais conciliador, o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, conseguiu aplacar o pânico inicial que tomou conta do mundo com sua surpreendente vitória sobre a democrata Hillary Clinton

» SIMONE KAFRUNI

O discurso conciliador do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, contrastando com sua retórica agressiva durante a campanha, conseguiu aplacar, parcialmente, o pânico que abalou os mercados assim que sua vitória foi anunciada. No geral, a reação foi mais discreta do que depois do voto decisivo do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia. Para os especialistas, o choque inicial, seguido de leve recuperação, reflete a incerteza de quão radical Trump realmente será como chefe da nação mais poderosa do mundo e até que ponto o Congresso tentará diluir suas propostas polêmicas.

Na opinião de Vladimir Fernandes Maciel, pesquisador do Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, a palavra-chave é incerteza. "Existe o candidato disposto a restringir o comércio e o fluxo migratório e taxar importações chinesas, com impacto negativo para o mundo porque propõe encolher os Estados Unidos", avalia. "E existe o presidente, cercado de políticos e secretários do partido republicano, que ganhou maioria nas duas Casas do Congresso. Se eles tiverem condições políticas, vão segurar o Trump dos excessos", emenda.

Para Rubens Penha Cysne, professor da Fundação Getúlio Vargas (EPGE/FGV), há uma grande ironia na vitória de Trump. "Um elemento é irrefutável, que é a volatilidade dos mercados no curto prazo." Ela virá na esteira das promessas de campanha, de proteção comercial, redução de impostos e de acordos de comércio. "Mas será que ele vai cumprir parte, tudo, nada ou fazer exatamente o contrário do que prometeu?", indaga. Cysne ressalta que, no discurso da vitória, Trump foi conciliatório, agradeceu e elogiou a adversária democrata Hillary Clinton, com quem era extremamente agressivo na campanha.

Para o Brasil, o professor alerta que é preciso atenção. Trump defende aumentar as tarifas de importação da China, que pode retaliar. "Uma eventual briga entre os dois maiores parceiros comerciais do país não é, necessariamente, uma notícia ruim. O Brasil pode encontrar

uma brecha para entrar no vácuo que essa disputa vai deixar", aposta.

Que a maioria esmagadora da população mundial foi pega de surpresa pelo resultado, não resta dúvida para Alexandre Espírito Santo, economista da Órama e professor do Ibmecc/RJ. "Os mercados financeiros, que geralmente se antecipam, não tinham precificado essa hipótese", afirma. Houve uma queda expressiva nos pregões da Ásia, os primeiros a reagir. Na abertura, a Bolsa de Nova York também caiu. "Depois, os mercados mostraram recuperação porque o resultado do Congresso foi favorável e vai ajudar o governo, Trump é um empresário e há percepção de que possa facilitar negócios, e os investidores aproveitaram o forte sobe e desce para lucrar", enumera.

No entender de André Perfeito, economista-chefe da Gradual Investimentos, apesar da surpresa e dos distúrbios financeiros provocados pela reversão das expectativas, o resultado não é absurdo. "O mundo entrou em aguda descoordenação política", avalia. Perfeito calcula os riscos iminentes. "Fora o retrocesso com a onda conservadora que ganha força, as linhas gerais econômicas de Trump podem ter efeitos de curto prazo que precisamos observar de perto", acrescenta.

Entre eles, Perfeito destaca a possível postergação da alta de juros dos Estados Unidos; o Banco Central brasileiro deve persistir no discurso cauteloso, cortando apenas 0,25 ponto na taxa Selic; e algumas moedas de países industrializados podem se apreciar contra o dólar, como foi o caso, durante a madrugada, como o iene, a libra esterlina e o euro. "Se isso persistir, será uma mensagem do mundo 'civilizado' abandonando os EUA", assinala.

## Acordos bilaterais

Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o comércio entre Brasil e Estados Unidos não vai mudar. "Os EUA são o principal destino das exportações brasileiras. As relações entre nossas economias e sociedades são fortes e nenhum governo trabalhará pelo seu enfraquecimento", estima o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade. "É preciso prestar mais atenção às ações do que ao discurso. Vamos aguardar a montagem do novo governo para termos uma bússola melhor sobre qual caminho os EUA tomarão", avalia. Para a indústria, a prioridade é avançar na agenda de acordos entre os dois países, de comércio e de investimento.

# Bolsa cai e dólar sobe

A chacoalhada que a vitória de Donald Trump deu no mercado não foi tão grande quanto se imaginava, mas causou estragos, sobretudo, no México, onde a moeda local, o peso mexicano, se desvalorizou 8,66%, depois de ter despencado mais de 13%. No Brasil, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo, caiu 1,40% aos 63.258 pontos, e o dólar teve alta de 1,33%, cotado em R\$ 2,210. Em Nova York, o Dow Jones subiu 1,34%.

Para Newton Rosa, economista-chefe da SulAmérica, o efeito foi totalmente diferente do da Ásia, primeiros mercados a abrirem após a surpresa de Trump. "A aversão ao risco lá foi muito forte. Depois do discurso da vitória, houve uma reversão", afirma. A percepção do especialista é de que Trump não vai abortar o crescimento da economia dos Estados Unidos e

também não vai afetar a decisão do Federal Reserve (Fed, banco central americano), de aumentar os juros. "O que pode fazer é reduzir para um os dois aumentos de 0,25% previstos para 2017", arrisca.

No entender de Ivo Chermont, economista-chefe da Quantitas Asset, o medo era de grandes rupturas com a economia, políticos e países, mas o discurso foi conciliador. "Além disso, os republicanos também ganharam Senado e Câmara. O Congresso americano tem muito poder. O presidente não decide nada sozinho", analisa.

Para a agência de classificação de risco Fitch Ratings, a vitória de Trump não tem implicações de curto prazo para a nota de crédito dos Estados Unidos, que é a mais alta possível, um "AAA". "O impacto a médio prazo será negativo se as políticas econômicas e fiscais de Trump forem implementadas na íntegra", diz a Fitch. Shelly Shetty, analista da agência, ressalta apenas que a situação para o México deve ficar complicada. "A Fitch cortou a previsão de crescimento de 2016 do México de 2,4% para 2%", afirma. (SK)

Spencer Platt/Getty Images/AFP



A Bolsa de Nova York abriu em queda, mas se recuperou, e o índice Dow Jones teve alta de 1,34%. No Brasil, o Ibovespa perdeu 1,40%



## » Cinco perguntas para

**RICARDO CALDAS, professor do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília (UnB)**

Iano Andrade/CB/D.A Press - 18/8/10

### **É uma tragédia como está sendo anunciada essa eleição do Trump?**

Eu acho que houve um exagero de todas as partes. Não houve uma cobertura política de verdade, o que houve foi uma cobertura apaixonada, houve um Fla-Flu internacional. A maioria da imprensa, tanto brasileira quanto norte-americana, tinha claramente uma preferência, que era a Hillary e, em vez, de cobrir uma eleição, cobriu uma vitória antecipada da Hillary Clinton. Foi um grande equívoco de cobertura, e eu estou falando de todos os meios de comunicação. As pesquisas não erraram. As eleições norte-americanas não são eleições nacionais, as pesquisas publicadas eram nacionais. Para você acompanhar corretamente a eleição norte-americana, tem que acompanhar estado por estado.



fenômeno semelhante ao que aconteceu no Brasil, nessas eleições. Os eleitores queriam uma pessoa diferente, veja o caso de São Paulo, do Doria. As semelhanças são muito grandes para ignorar. As pessoas queriam um nome novo, não viciado na política. Ele soube explorar isso muito bem: "Hillary representa o sistema político, a Hillary representa o que nós temos de pior, nosso sistema é corrupto e a Hillary é produto dele". Ele disse isso claramente: "Vocês não querem mudança? Eu sou a mudança".

### **Para o Brasil, o que representa a eleição do Trump?**

A economia norte-americana, assim como a brasileira, é quase 80% de serviços. O setor industrial está em declínio no mundo todo. Quando você fala que vai retomar o setor industrial e reindustrializar o país, isso é um sonho. Nós nem estamos mais no setor de serviços, estamos na era da comunicação. Com esse sonho de reindustrialização, há uma ameaça protecionista real. O cenário mais provável é que ele vai se cercar de pessoas com qualidade, vai querer fazer um governo excepcional. Vai fazer o que ele entende. Por ser um dos maiores cérebros norte-americanos, vai procurar os melhores economistas e alguns deles vão dizer que o melhor para os EUA é o livre comércio.

### **A impressão que se tem é que ele sabe muito pouco de relações internacionais.**

Na verdade ele não se interessa, não é uma prioridade para ele. E ele tem um discurso neo-isacionista que é muito perigoso, mas eu acho que ele vai reverter isso. Ninguém falou isso até agora, mas o Trump teve uma vitória espetacular e rara, ganhou para presidente, conseguiu a maioria na câmara e conseguiu a maioria no senado. Eu entendo que o passo natural é procurar o partido, fazer as pazes com o líder da Câmara, liderança republicana. O Trump já vem com uma maioria, mas é uma maioria de renegados. Ele vai ter que fazer as pazes com essa maioria. Vai ser feito um grande acordão lá para poder governar em paz. Eu acho que no momento em que ele buscar o Congresso para fazer um acordo, o Congresso fará algumas indicações para amenizar o discurso. Ele sabe que não pode fazer nada sem o Congresso.

### **Mas houve uma surpresa muito grande do mercado também.**

Para mim não houve surpresa. Eleições se decidem no dia, política em geral é assim, cada fato novo interfere no resultado. O mercado tinha uma expectativa até gerada pela mídia, baseada, essencialmente, em Washington e Nova York, onde estão os dois principais órgãos da imprensa americana, basicamente pró-Hillary. Eles passaram para o mundo uma vitória certa. O mercado gosta de coisas certas, estabilidade. Quando você anunciou uma coisa e aconteceu outra, ficou instável e nervoso. O contexto dessa eleição é completamente diferente do contexto da eleição do Obama. No caso do Obama, quando ele concorreu pegou a crise de 2008, o país estava em recessão profunda, caminhando para uma depressão. Ele prometeu para os americanos retomada da economia, geração de empregos e um novo modelo de crescimento mais justo. O Trump prometeu uma volta ao passado que não vai conseguir cumprir. Ele vendeu um sonho, por isso foi eleito. O eleitor típico dele é conservador, em sua maioria branco, de renda média e alta e a grande maioria protestante, que é o perfil do americano.

### **E agora, como ficam as coisas daqui para frente?**

Ele não é uma pessoa despreparada, tem um MBA em uma escola de negócios que é a melhor dos EUA. Tem experiência empresarial e não tinha experiência política. Aconteceu nos EUA um

## » Cinco perguntas para

**CARLOS EDUARDO DE FREITAS, economista, ex-diretor do Banco Central (BC)**

### O senhor esperava a vitória de Donald Trump?

Esperava. Por razões econômicas, fundamentalmente. A sociedade americana está numa crise. Num processo de transformação. Enfrentando novos desafios, que requerem soluções criativas. Se conseguir as soluções criativas, passa para o desafio seguinte. Se isso não ocorrer, fica estagnada e será ultrapassada por outras sociedades. Então, está acossada, sitiada por dois fenômenos. Um deles é a globalização, que significa comércio internacional livre. Ele tende a equalizar a remuneração dos fatores de produção. Para simplificar, isso quer dizer que o salário do chinês, que é mais baixo, permite comercializar produtos industrializados mais baratos. Se abre o comércio, o salário chinês começa a subir e o salário americano perde competitividade e cai. Isso vem produzindo efeitos há muito tempo. E as frustrações dos segmentos prejudicados vão se acumulando. Em algum momento, surge um líder que capta esse processo e consegue uma vitória eleitoral. O outro fator é a imigração, que só faz colocar mais lenha na fogueira, porque acirra a competição no mercado de trabalho. Isso gera um bolsão de insatisfação.

### Como resolver esse dilema?

A solução mais ortodoxa e mais criativa para resolver isso seria deixar o comércio abrir e permitir a imigração. E os Estados Unidos se especializarem naquilo em que têm maior competitividade. Eles dominam a fronteira do conhecimento e as tecnologias. A própria teoria econômica faz uma compensação temporária, nesse caso. A linha dos democratas Obama e Hillary é fazer essa compensação com propostas assistencialistas, como faculdade gratuita. A do Trump é de atacar os problemas com protecionismo e uma política contra a imigração. Que não são as tradicionais do partido republicano. Aliás, ele não foi o candidato dos republicanos. Ele venceu o sistema político americano inteiro. Os dois partidos. Isso é um fato espetacular. Ai tem outros aspectos, os politicamente incorretos, que nem vou mencionar. Mas quem ganhou foi ele.

### Por conta disso, ele não terá dificuldades para governar?

Ao ser eleito, ele vai ter que optar por um mecanismo de políticas protecionistas e contra

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 3/6/13



imigração. Portanto vai piorar a produtividade. E não é uma solução criativa, mas pode ser analgésica. Fazer o muro com o México, acho que não vai, porque o muro está praticamente pronto. Ele pode completar. Trump também não deve deportar 11 milhões de imigrantes. Mas pode deportar 100 mil. Como os Estados Unidos são um país riquíssimo, eles podem errar mais. De qualquer forma, como ele não é um ditador e essa solução não é criativa, não deve vingar. Possivelmente, eles terão de recuar.

### Qual sua avaliação sobre o impacto da vitória de Trump nos mercados do mundo todo?

É natural que as bolsas caiam num primeiro momento. Havia um sistema todo voltado para um processo de globalização, com o Tratado Transpacífico (TTP) e outros acordos, isso tudo eu acho que vai parar. Vamos passar para tratados bilaterais, o que tira o dinamismo da economia. As empresas, que estão todas estruturadas para uma visão, precisam se adaptar, como se um marco institucional acabasse. As tentativas para sair da crise, às vezes, são assim. Churchill (Winston, ex-primeiro ministro britânico) já dizia: "Os americanos costumam tomar a decisão certa, não sem antes tentar todas as erradas". Isso (a política de Trump) é uma tentativa errada. Os erros precisam ocorrer, apesar de atrasarem a evolução. Mas o mundo não vai acabar. O nosso ministro de Relações Exteriores (José Serra) é protecionista como o Trump. A visão de economia dele não é diferente da do Trump, como não era a da presidente Dilma. Não vejo o mundo acabar, claro que há uma reação inicial.

### Uma das reações iniciais é a valorização do dólar. Isso pode minar as pretensões do Banco Central brasileiro de reduzir juros?

Com maior risco nos Estados Unidos, ainda se prefere correr para o dólar? É uma coisa paradoxal. E mostra inclusive que o mundo não vai acabar. Tem todo um sistema armado para uma globalização que vinha avançando. Com a promessa toda de avançar ainda mais. Ai vem um freio de arrumação, ou de desarrumação, enfim. Há uma reação passageira. Porém, acho que não chegará a afetar a nossa política monetária. Não há nada a comemorar, mas também não há motivos para se desesperar.